

CONTRIBUIÇÕES DE WITTGENSTEIN PARA UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE A TECNOLOGIA*

WITTGENSTEIN'S CONTRIBUTIONS TO A PHILOSOPHICAL REFLECTION ON TECHNOLOGY

GERALDO DÔRES ARMENDANE¹

(Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

RESUMO

Este artigo discute o pessimismo cultural de Wittgenstein diante do progresso da civilização tecnocientífica ocidental na primeira metade do século XX, bem como as contribuições do pensador austríaco para uma reflexão filosófica sobre a tecnologia. Mostraremos também que a posição filosófica de Wittgenstein foi de profunda e intensa atividade do pensamento e da linguagem. O texto divide-se em três partes: a primeira apresenta o pessimismo cultural de Wittgenstein diante do progresso da civilização tecnológica; a segunda mostra a relação de Wittgenstein com a ciência e sua forte oposição à ideologia cientificista; a terceira apresenta a filosofia do segundo Wittgenstein como *terapia* para os problemas da crise da civilização tecnológica. Por fim, concluímos mostrando que a filosofia de Wittgenstein dispensa o uso de “escada” no enfrentamento dos problemas no mundo contemporâneo.

Palavras - chave: Civilização Tecnológica. Ciência. Wittgenstein. Filosofia da Linguagem.

ABSTRACT

This article examines Wittgenstein's cultural pessimism on the progress of Western techno-scientific civilization in the first half of the twentieth century, as well as the contributions of the Austrian thinker for a philosophical reflection on technology. We will also show that Wittgenstein's philosophical position was based on a deep and intense activity of thought and language. The text is divided on in three parts: the first shows Wittgenstein's cultural pessimism on the technological civilization progress; the second shows Wittgenstein's relationship with science and his strong opposition to the scientist ideology; the third presents Wittgenstein's conception of philosophy *therapy* including for the uses of technological civilization. Finally, we conclude by showing that Wittgenstein's philosophy avoids the use of the "ladder" dealing with problems in the contemporary world.

Key words: Technological Civilization. Science. Wittgenstein. Philosophy of Language.

1 Introdução

Na primeira metade do século XX, a civilização ocidental, por um lado, passou por um vertiginoso progresso tecnocientífico e, por outro, pela terrível destruição em

massa da vida na terra provocado pelo uso desmedido da ciência e tecnologia. Desse modo, o planeta foi devastado por duas grandes guerras mundiais, pelo horror do holocausto nazista e por várias guerras civis e revoluções. É nesse contexto, portanto, que se situa Wittgenstein.

Nesse sentido, vale a pena levantar, então, as seguintes indagações: (i) no contexto da crise da civilização ocidental, na primeira metade do século XX, qual foi a posição de Wittgenstein diante do progresso tecnológico? (ii) qual é o limite entre o *espírito científico*, que produz ciência e tecnologia, e o *espírito filosófico*, cuja função terapêutica é curar o entendimento humano do mau uso da linguagem? (iii) a filosofia do segundo Wittgenstein, sendo atividade terapêutica da linguagem, pode ajudar o ser humano a esclarecer e a lidar com os problemas provocados pelo mau uso da ciência e tecnologia no mundo contemporâneo?

Em primeiro lugar, é importante destacar o pessimismo cultural de Wittgenstein diante do progresso da civilização tecnológica ocidental na primeira metade do século XX, conforme podemos observar em algumas passagens de *Cultura e Valor* e nos prefácios das *Observações Filosóficas* e *Investigações Filosóficas*. Num fragmento de *Cultura e Valor*, escrito em 1947, Wittgenstein expressa a seguinte posição acerca do futuro da ciência e da tecnologia:

A visão verdadeiramente apocalíptica do mundo é a de que as coisas *não* se repetem. Não é absurdo acreditar, por exemplo, que a era da ciência e da tecnologia é o princípio do fim da humanidade; que a ideia de um enorme progresso é uma ilusão, bem como a ideia de que a verdade será finalmente conhecida; que nada de bom ou desejável no conhecimento científico e que a humanidade, ao procurá-lo, está a cair numa armadilha. Não é de modo algum óbvio que as coisas não sejam assim (CV², 2000, p. 86).

Nesse artigo, trataremos de mostrar que, apesar de rejeitar a crença no progresso tecnocientífico, a posição filosófica de Wittgenstein diante da crise da civilização ocidental, foi de profunda e intensa atividade do pensamento e da linguagem. Dessa forma, sendo atividade e movimento do pensamento, a segunda filosofia de Wittgenstein se constitui como horizonte de sentido humano e terapia da linguagem que auxilia o ser humano no enfrentamento dos problemas existenciais da vida cotidiana que, nesse caso específico, tratam-se dos problemas causados pelo mau uso da ciência e tecnologia no mundo contemporâneo. O texto será dividido em três partes: a primeira, apresenta o pessimismo cultural de Wittgenstein diante do progresso da civilização tecnológica; a segunda, mostra a relação de Wittgenstein com ciência e sua forte

oposição à ideologia cientificista; a terceira, apresenta a filosofia do segundo Wittgenstein como *terapia* para problemas decorrentes da crise da civilização tecnológica. Por fim, a conclusão trata de apresentar a filosofia de Wittgenstein como atividade que dispensa a “escada” no enfrentamento dos problemas decorrentes do progresso tecnológicos no mundo contemporâneo.

2 As “trevas deste tempo” como a manifestação da crise do progresso da civilização tecnológica ocidental

A expressão “trevas deste tempo”, segundo DeAngelis, constitui a manifestação do ponto de vista de Wittgenstein sobre a civilização de seu tempo (2007, p. 01-02). Conforme pode-se observar no prefácio das *Investigações Filosóficas*:

É com sentimentos duvidosos que as entrego ao público. Não é impossível que seja dado a este trabalho em sua indigência; e nas trevas deste tempo, lançar luz numa ou noutra cabeça; mas, naturalmente, não é provável (IF³, 1994, p. 12).

Assim, a dúvida persistente de Wittgenstein se o *espírito* de seu trabalho filosófico seria compreendido, dadas as “trevas de seu tempo”, faz sentido quando se considera o grande número de indicações que Wittgenstein aponta nesses escritos, a partir dos anos de 1930, e continuará até a sua morte, no início dos anos de 1950. Diante disso, podemos considerar, então, a filosofia do segundo Wittgenstein como uma atividade crítica do pensamento e da linguagem em oposição às tendências de uma época. DeAngelis observa, portanto, que existem algumas chaves de leitura para entender o pessimismo cultural de Wittgenstein em relação à civilização ocidental. A mais importante delas, segundo ele, é a inegável influência da obra *A Decadência do Ocidente*, do pensador e historiador alemão, Oswald Spengler⁴ sobre o pensamento do filósofo austríaco. E foi o próprio Wittgenstein quem reconheceu explicitamente a importante influência de Spengler sobre a visão de seu tempo (2007, p. 01-02). Rudolf Haller observa, contudo, que a influência de Spengler sobre Wittgenstein vai além de

[...] um aparente intelectual, que declara sua alienação da civilização que o circunda, com seus sintomas de época decadente, mas também o iniciador de uma abordagem ou “linha de pensamento”, que lhe pareceu a mais apropriada como um instrumento metodológico para a investigação dos jogos de linguagem (1990, p.88).

A *Decadência do Ocidente* baseia-se no método de estudo de Goethe sobre a *morfologia das plantas*. Nessa obra, Spengler esboçou, por analogia com Goethe, uma morfologia da *história universal*, cuja sucessão de diferentes civilizações é determinada por um ritmo vital. Para ele, as grandes civilizações universais passaram por três ciclos vitais: (i) o nascimento; (ii) o florescimento e (iii) o declínio. Assim, a força vital da civilização ocidental, sufocada pelas formas da cultura, da civilização e da técnica, teria entrado no seu terceiro ciclo vital, isto é, na fase de sua “decadência” (VOLPI, 1999, p. 70-71).

Segundo Haller, o modelo comparativo das culturas, em *Decadência do Ocidente*, exerceu uma influência fundamental na filosofia do segundo Wittgenstein. Na análise da morfologia das civilizações, por exemplo, Spengler trabalha com o conceito de “protótipo”, cuja ideia é importante para compreender a noção wittgensteiniana de *jogos de linguagem*. Wittgenstein reconhece que a ideia de protótipo deve servir de conceito básico de onde devemos começar, ou melhor, como instrumento metodológico que determina um modo de ver o mundo por inteiro. Essa noção, porém, não deve ser entendida como um julgamento, nem como uma ideia que está além de uma apreensão intelectual, mas para funcionar como um princípio de conceituação dos objetos, cuja utilidade decide a sua adequação. Nesse sentido, o protótipo se revela como pragmático, o qual será medido nas ações de seres humanos (1990, p. 89-92).

De acordo com DeAngelis, G. Von Wright foi o primeiro intérprete wittgensteiniano a reconhecer uma certa aproximação entre a filosofia do segundo Wittgenstein e o pensamento spengleriano. Num interessante artigo intitulado *Wittgenstein em relação ao seu tempo*, Von Wright sugere que a visão *antiessencialista* e a noção de *semelhanças de família* de Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas*, encontram-se de forma menos desenvolvida no trabalho de Spengler. Em *Decadência do Ocidente*, Spengler concebe as relações conceituais de “fatos históricos” com o seu “protótipo” como relações necessárias, que muitas vezes são confundidas como necessidades históricas, e isso leva a um “essencialismo”. Von Wright observa, portanto, que para Spengler o conceito de protótipo parece significar o sistema de conceitos históricos. Diante disso, Wittgenstein critica o uso equivocado da noção de protótipo histórico spengleriano porque resultaria em “distorções” e “dogmatismos”. Nesse sentido, Wittgenstein rejeita nas *Investigações Filosóficas*, por exemplo, a concepção essencialista e a existência de protótipo para o termo “jogo”, como uma

condição necessária e suficiente para algo ser um jogo, e sugere substituição desse termo pela noção de *semelhanças de famílias* (2007, p. 13-24).

Retomando, aqui, a questão da crise da civilização ocidental na primeira metade do século XX, gostaríamos de observar que Wittgenstein, certamente, estava vivenciando uma grande crise em sua terra natal, a cidade de Viena. A capital do poderoso Império Austro-húngaro, vivia uma situação paradoxal: (i) por um lado, Viena experimentava o declínio da poderosa Dinastia dos Habsburg, comanda pelo reacionário e anacrônico Imperador Francisco José⁵; (ii) por outro, a cidade vivia o seu apogeu cultural. Entre os anos de 1895 a 1914, Viena foi a cidade mais promissora da Europa tanto no campo da arte, da arquitetura, da música, da literatura, como da psicologia, da filosofia e da política.

Em Viena, floresceram movimentos sociais e políticos bastante opostos entre si. Por um lado, o Antissemitismo, cuja ideologia serviu de base para o Nazismo Alemão. De outro, o seu oposto, o Sionismo, cujo movimento contribuiu para a criação do Estado de Israel, após a Segunda Guerra Mundial. Ademais, alguns elementos centrais do pensamento social católico moderno tiveram origem nessa cidade. Na capital austríaca, houve também uma adaptação original do pensamento de Karl Marx, conhecido como austro-marxismo (JANIK; TULMIN, 1998, p. 13).

Num fragmento de uma carta endereçada à sua irmã Hermine, em 1925, intitulado *O ser humano na campânula vermelha*, percebe-se um forte “mal-estar” de Wittgenstein diante da crise da civilização ocidental de seu tempo:

[...] O ser humano na campânula vermelha é a humanidade em uma determinada cultura, por exemplo, a ocidental que começou aproximadamente com a migração dos povos e que no século XVIII atingiu seu ápice – creio que seu último. A luz é o ideal, e a luz turva o ideal da cultura. Este é tido como ideal enquanto a humanidade ainda não atingiu os limites dessa cultura. Porém, mais cedo ou mais tarde ela atingirá esses limites, pois toda cultura é apenas uma parte limitada desse espaço. – No começo do século XIX (o espiritual), a humanidade deparou-se com os limites da cultura ocidental. E, então, aparece a acidez: a melancolia + o humor (pois ambos são ácidos) E, pode-se, então, com certeza dizer: Toda pessoa importante desse tempo (o século XIX) ou é bem-humorada ou melancólica (ou ambos) e, de maneira mais intensa, quanto mais importante ela for; ou ela rompe com os limites e torna-se religiosa [e também acontece certamente que alguém que já tenha colocado a cabeça para fora fique ofuscado pela luz, volte para dentro e, com a consciência ruim, continue a viver na campânula]. Pode-se, portanto, dizer: uma pessoa importante tem sempre, de alguma maneira, relação com a luz (isso a torna importante) se ela vive no meio da cultura, então tem relação com a luz colorida se chega aos limites dessa cultura (...), e é então esse confronto: sua forma + intensidade

que nos interessa nela o que nos prende à sua obra (WITTGENSTEIN, 2004, p. 69-70)⁶.

Nesse fragmento, Wittgenstein descreve os limites da *cultura* ocidental no início do século XX. Para o filósofo austríaco, ao atingir o limite máximo de sua manifestação, mediante o progresso da ciência e da técnica, a cultura ocidental se constituirá numa grande *civilização* tecnológica. Com isso, a humanidade entrará em crise e, conseqüentemente, a civilização ocidental em seu declínio. A *cultura* ocidental, segundo Wittgenstein, por um lado, representa a “campânula vermelha” com sua “luz colorida”, constituída por alguns aspectos intrinsecamente observáveis, que incluem sentimentos religiosos, sentimentos estéticos e valores éticos como forças sociais; e a *civilização* tecnológica, por outro lado, representa o “exterior da campânula” com a sua “luz turva”, significando o ideal iluminista de progresso tecnocientífico. Em outros termos, a civilização possui aspectos intrinsecamente observáveis, a saber: a irreligiosidade, a escassez de atividades artísticas influentes e proeminentes realizações tecnocientíficas em escala global. Desse modo, ao colocarem a cabeça para o “lado de fora” da campânula, algumas pessoas rompem com os limites da cultura e, com isso, se sentem mal e voltam-se para o seu “interior”. Por fim, vale a pena salientar que, para Wittgenstein, a importância de uma pessoa é avaliada pela relação que ela mantém com a “luz colorida” no interior da campânula.

Em *Cultura e Valor*, Wittgenstein esclarece, com maior propriedade, a importância da cultura diante da civilização tecnológica. A *cultura* representa, por um lado, uma grande organização, cujos membros possuem um lugar onde possam trabalhar em espírito de conjunto; e a *civilização*, por outro, caracterizada pela palavra “progresso”, tornou-se fragmentária, onde o poder dos indivíduos consome-se na busca de superar forças contrárias que resistem ao atrito, cujo espetáculo é representado pela multidão de seus melhores membros, que trabalham com vistas a alcançar objetivos puramente individualistas. Entretanto, esse espetáculo não interessa ao filósofo (CV, 2000, p. 20). De acordo com Wittgenstein, a civilização ocidental é tipicamente construtora. Ela se ocupa em construir estruturas cada vez mais complexas, que funcionam como meio para atingir o fim. Nesse sentido, até mesmo as luzes e a claridade desejadas por essa civilização são meios para atingir o fim e não o fim em si mesmo (p. 21). Aqui, pode-se perceber um duro ataque de Wittgenstein ao ideal positivista de ciência, herdeiro da tradição iluminista, cuja prática científicista é

“iluminada” pela “luz do esclarecimento da razão”. Por fim, o filósofo austríaco reconhece que as práticas científicas de muitos cientistas de seu tempo, visavam estabelecer, acima de tudo, uma relação puramente instrumental com a “luz”.

Desse modo, pode-se observar que no trabalho de construção das bases estruturais da civilização ocidental, os cientistas positivistas tratam a “luz” como um mero instrumento, ou melhor, como meio para atingir o fim das estruturas dessa mesma civilização, e isso não interessa ao filósofo. Nesse sentido, concordamos com Almeida quando sugere que o filósofo é alguém cujas forças estão assinaladas e compreendidas no interior de uma totalidade que dá sentido para cada indivíduo, ou seja, é aquela pessoa que pode estar imbuída de um propósito ético que encontra em si mesmo o sentido. Em outros termos, significa dizer que o esclarecimento filosófico não é direcionado para aqueles que são alheios e não simpáticos ao espírito da cultura (ALMEIDA, 2015, p. 153). Dessa forma, entende-se o trabalho do filósofo como uma atividade que consiste em observar melhor o interior da cultura com um olhar panorâmico e sinótico, sem interferir e modificar, ao modo do cientista positivista, as bases estruturais de uma civilização tecnológica *par excellence*.

3 Ciência versus cientificismo: o cientificismo como causa dos problemas do progresso da civilização tecnológica ocidental

No *Tractatus Logico-philosophicus*, Wittgenstein buscou demarcar o limite entre o *espírito científico* e o *espírito filosófico*. Contudo, é importante esclarecer de antemão que o filósofo austríaco não era contrário à pesquisa científica. Muito pelo contrário. Ele nutriu um grande interesse pela engenharia e teve uma formação tenocientífica como estudante primário na escola técnica (*Realschule*) de Linz (1903-1906); como estudante de engenharia mecânica na Universidade Técnica (*Technische Hochschule*) de Berlim (1906-1908); e como pesquisador em engenharia aeronáutica em Manchester, a partir dos anos de 1908, na Inglaterra (MONK, 1995, p. 29-47). Além disso, a fase inicial da filosofia de Wittgenstein foi influenciada pelos filósofos-cientistas neokantianos Boltzmann e Hertz (GLOCK, 1998, p. 83). No entanto, Wittgenstein reconhece que o método da ciência tem o seu campo próprio de investigação. Conforme pode-se observar em algumas passagens do *Tractatus*, o filósofo assume uma postura kantiana ao buscar separar *atos* de *valores*. Para ele, a ciência deve se ocupar com os fatos do

mundo fenomênico, ou melhor, com aquilo que pode ser dito, o *dizível*. Por outro lado, o que não se pode dizer, o *indizível*, pertence ao campo da ética, da estética e da religião. Em outras palavras, o *indizível* pertence ao âmbito dos valores humanos. Para Glock, Wittgenstein esclarece que os problemas filosóficos não se resolvem por meio da experiência ou de explicações causais, isso porque tais problemas são conceituais e não factuais (GLOCK, 1998, p. 85), conforme pode-se observar na passagem do *Tractatus*: “ainda que todas as questões científicas possíveis tenham obtido respostas, nossos problemas da vida não terão sido sequer tocados” (TLP 6.52)⁷.

É a partir dessa perspectiva que devemos entender, portanto, a forte rejeição que Wittgenstein nutria ao cientificismo e ao imperialismo do pensamento científico de seu tempo (GLOCK, 1998, p. 83). Nesse sentido, em *Cultura e Valor*, ele esclarece que tudo o que é ritual não interessa, e deve ser evitado, dado que imediatamente apodrece (CV, 2000, p. 22). Nessa passagem, percebe-se uma crítica velada ao cientificismo presente na postura de alguns cientistas de seu tempo e que estavam conduzindo a civilização ocidental à ruína.

A ideologia cientificista, inspirada no ideal positivista de progresso tecnocientífico, predominante durante o século XIX e na primeira metade do século XX, era dogmática e obscurantista. É nesse contexto, entretanto, que se deve entender as observações críticas de Wittgenstein a respeito do progresso tecnocientífico de seu tempo, quando sugere que não seria absurdo acreditar que a era da ciência e tecnologia representaria o princípio e o fim da humanidade; que a ideia de progresso seria uma ilusão, assim como a ideia de verdade seria enfim conhecida; que nada existe de bom e desejável no conhecimento científico, e que a humanidade, ao buscar essa forma de conhecimento, cairá numa grande armadilha. Assim, a indústria e o progresso, produtos do conhecimento científico, além de serem responsáveis pelas misérias infinitas e decidirem guerras, no decorrer do tempo, podem unir o mundo, isto é, condensá-lo numa única unidade, onde certamente a paz seria a última coisa a habitar (CV, 2000, p. 86-95).

Compartilhamos aqui, com a posição do filósofo britânico Alfred Whitehead quando observa que “os obscurantistas de qualquer geração se constituem, em geral, na maior parte dos adeptos da metodologia dominante, e os cientistas são os obscurantistas” (1985, p. 22). O obscurantismo de alguns cientistas contemporâneos, conforme Whitehead, se caracteriza pela recusa da livre especulação, por força da

limitação dos métodos tradicionais. Assim, se em alguns anos atrás, grande parcela do clero constituía um exemplo-padrão de obscurantismo, no atual contexto, porém, o seu lugar foi ocupado por cientistas (WHITEHEAD, 1985, p. 22). Em outras palavras, ao reduzir a atividade da razão humana aos procedimentos metodológicos das ciências experimentais, o cientista positivista aproxima-se em muito da postura dogmática e obscurantista de alguns religiosos medievais. Diante disso, torna-se necessário resgatar a razão crítica que, numa perspectiva wittgensteiniana, trata-se da análise do pensamento e da linguagem.

4 A filosofia do Segundo Wittgenstein como a *terapia* para os problemas da civilização tecnológica ocidental

Alguns comentadores, por exemplo, Rudolf Haller, Janik, S. Toulmin e Von Wright (HALLER, 1990, p. 83-95), que tratam do pessimismo cultural de Wittgenstein em seus escritos, pouco discutem sobre as contribuições da segunda filosofia do pensador austríaco tendo em vista ajudar o ser humano no enfrentamento dos problemas provocados pelo uso desmedido da ciência e tecnologia no mundo contemporâneo. Diante disso, busca-se então responder a seguinte questão: o pessimismo tecnológico de Wittgenstein pode ser caracterizado como uma postura de passividade e resignação ou como uma intensa e profícua atividade do pensamento diante da crise que se abateu sobre civilização ocidental na primeira metade do século XX?

Em nossa tentativa de responder a essa questão, mostraremos que a posição filosófica de Wittgenstein era de profunda e intensa atividade do pensamento e da linguagem. E sendo, portanto, atividade e movimento do pensamento, a segunda filosofia de Wittgenstein constitui-se em horizonte de sentido humano e terapia da linguagem que pode auxiliar o ser humano no enfrentamento dos problemas existenciais da vida cotidiana, que nesse caso específico, tratam-se dos problemas causados pelo mau uso da ciência e tecnologia no mundo contemporâneo, que tem como *background* o fenômeno humano da linguagem.

Somavilla reconhece que, ao recusar toda forma de sistematização verbal ou científica das questões essenciais da existência, Wittgenstein não está ignorando as questões essenciais vida, ou seja, os problemas filosóficos. Em seus escritos, percebe-se a seriedade, que se revela numa busca franca e desesperada por clareza e verdade,

conforme pode-se observar no estilo e no modo como o filósofo escreve seus textos filosóficos. De acordo com Somavilla, o grau elevado de exigência de Wittgenstein na produção de seus escritos filosóficos, nasce de um impulso ético, ou seja, deve ser visto em estreita conexão com o *ethos* que o filósofo buscava satisfazer em sua vida pessoal. Dessa forma, a complexidade de seus apontamentos dá testemunho de suas lutas internas, de seu sofrimento com os limites da linguagem e de seus esforços por clareza filosófica e pessoal, e que se revelam em algumas metáforas utilizadas como “escuridão” e “luz” (SAMOVILLA, 2012, p. 74-75).

No contexto da reflexão filosófica, conforme Somavilla, a metáfora da “luz” em Wittgenstein está associada à ideia de clareza, transparência e diafaneidade, na tentativa de obter solução e iluminação para os problemas filosóficos. E a oposição a tudo isso é uso de expressões como “falta de clareza”, “escuridão” e “turvação de nosso olhar”. Diante disso, Wittgenstein busca descrever a atividade filosófica como “pensamentos que buscam luz”, ou melhor, como um impulso “espiritual” que coloca em movimento os pensamentos, por meio de um trabalho penoso, onde eles são moldados, transformados, retirados de uma obscura confusão inicial e trazidos à luz. Somente a partir daí, então, é que os pensamentos assumem formas e enunciados (SAMOVILLA, 2012, p. 76-77).

A partir das observações de Somavilla, percebe-se que, para Wittgenstein, a atividade filosófica não se trata de mera especulação metafísica acerca dos problemas essenciais da vida humana, mas se constitui num exercício exigente e coerente do filósofo que busca integrar em sua própria existência, vida, pensamento e linguagem. Desse modo, pode-se observar que a busca desesperada do filósofo de Viena por clareza do pensamento e linguagem, que assumia a forma de enunciados e proposições linguísticas, era o resultado de uma exigência filosófica em unir no todo da existência, as questões éticas-religiosas e filosóficas. É a partir daí, portanto, que se deve entender a atividade filosófica como terapia dos problemas essenciais da existência e do próprio fenômeno da linguagem. Compartilhamos com Almeida a opinião de que o movimento do pensamento em direção ao esclarecimento da linguagem, acima de tudo, visa despertar o nosso entendimento de uma letargia.

Além disso, Glock salienta que, para Wittgenstein, por um lado, os problemas filosóficos devem ser resolvidos por meio de uma visão sinótica dos fenômenos (GLOCK, p. 1998, p. 86). Por outro, os problemas da ciência, sendo limitados pelo

contexto da investigação científica e pelo método experimental das ciências particulares, são tratados e resolvidos de forma parcial. É nesse sentido, então, que se deve distinguir o *espírito filosófico* do *espírito científico*. Em *Cultura e Valor*, Wittgenstein salienta que o filósofo não está interessado na construção de edifícios, mas em ter uma visão clara de seus alicerces. Ele não visa atingir o mesmo alvo do cientista, pois o seu modo de pensar é diferente do cientista. O que interessa ao filósofo são clareza e transparência (CV, 2000, p. 21).

Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein salienta que nada se encontra oculto na linguagem. Sendo o fenômeno da linguagem constitutivo do horizonte de sentido humano no mundo, portanto, é no “solo firme” da linguagem que se encontram e manifestam os problemas filosóficos a serem esclarecidos. Dessa forma, a tarefa da filosofia consiste simplesmente em expor tudo o que está diante dos olhos. O que está oculto não interessa ao filósofo. É a clareza completa que ele aspira (IF §§ 126-130). Uma vez que nada está oculto aos olhos do filósofo, acredita-se, pois, que imbuído de espírito filosófico, o ser humano saberá como lidar com os problemas concretos de uma sociedade essencialmente tecnológica.

Desse modo, em cada frase que o filósofo escreve contém em si a expressão máxima de tudo o que ele quer dizer. Dito de outro modo, a atividade filosófica não se trata de num esforço teórico-metafísico em vista de alcançar o lugar onde se quer chegar. Esse lugar é onde o filósofo já deve estar (CV, 2000, p. 21). Para Wittgenstein, um problema filosófico “não está dentro” da realidade (IF § 123), como uma “essência” a ser abstraída por um filósofo metafísico, mas é constitutivo da própria atividade filosófica, cujo campo de batalha é o fenômeno da linguagem (CV, 2000, p. 27). Nesse caso, a filosofia representa, então, a luta contra o enfeitiçamento de nosso entendimento pela nossa própria linguagem (IF § 109). Para finalizar, gostaria de citar aqui uma passagem interessante de *Cultura e Valor*, onde Wittgenstein compara a solução dos problemas filosóficos a “[...] um presente num conto de fadas: no castelo mágico ele aparece encantado, mas se o vires no exterior, à luz do dia, não é mais do que um vulgar bocado de ferro (ou algo do gênero)” (CV, 2000, p. 27).

Concordamos com a opinião de Almeida ao observar que o movimento do pensamento em direção ao esclarecimento do uso da linguagem visa despertar o entendimento humano de uma letargia, quebrar o feitiço e o entorpecimento ocasionados pelos próprios hábitos do uso da linguagem, que lutam de forma inerte para

permanecer na sombra e na inconsciência em que jazem, afetados pelo espírito do progresso da civilização tecnológica (2015, p. 153).

5 Considerações finais

No primeiro momento, mostramos que Wittgenstein nutria um forte pessimismo cultural diante do progresso tecnológico da civilização ocidental, na primeira metade do século XX. Sendo assim, diante da crise da civilização ocidental e dos problemas decorrentes do mau uso da ciência e tecnologia no mundo contemporâneo, reconhecemos a plausibilidade da rejeição da crença do filósofo austríaco no progresso tecnológico de seu tempo.

Em segundo lugar, tratamos da demarcação entre *ciência* e *filosofia*. Vimos que Wittgenstein seguiu a postura kantiana ao buscar estabelecer limites entre o campo da investigação científica e o da investigação filosófica. Sendo que conhecimento científico, por um lado, trata de explicar fatos segundo as leis causais do mundo natural; e a filosofia, por outro, consiste em clarificar e esclarecer os problemas por meio do método terapêutico. Em outras palavras, para Wittgenstein, os problemas filosóficos têm como *background* o fenômeno humano da linguagem e devem ser resolvidos por meio de um projeto terapêutico.

No terceiro momento, tratamos da filosofia do segundo Wittgenstein como uma proposta terapêutica que visa curar o entendimento humano dos problemas existenciais que tem como base o próprio fenômeno da linguagem. Ora, sendo a linguagem a base do agir humano, isto é, o horizonte de sentido humano de mundo, numa perspectiva wittgensteiniana, então, os problemas filosóficos estão diante dos nossos olhos e se manifestam no “solo firme” das proposições linguísticas. Assim, diferentemente da investigação científica, que busca compreender e explicar a existência humana mediante um método experimental e uma teoria, para Wittgenstein, no entanto, o filósofo deve ter um olhar panorâmico sobre o todo da linguagem (IF § 122). Dessa forma, na perspectiva wittgensteiniana, é no seio do horizonte da linguagem que vemos a realidade e enfrentamos os problemas cruciais de nossa existência.

Por fim, gostaríamos de resgatar aqui a imagem da “escada” como característica peculiar da atividade filosofante em Wittgenstein. Conforme o aforismo 6.54, do *Tractatus Logico-philosophicus*, o filósofo austríaco afirma que “as proposições

elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contrassensos, após escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve-se, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.)”. E, em *Cultura e Valor*, Wittgenstein faz a seguinte observação: “se o lugar onde pretendo chegar só se pode alcançar por meio de uma escada, desistiria de tentar lá chegar. Pois o lugar a que de fato tenho de chegar é um lugar em que já me devo encontrar. Tudo aquilo que se pode alcançar com escada não me interessa” (CV, 2000, p. 21).

Diante disso, ao considerar as observações de Wittgenstein, acima citadas, podemos concluir então que a atividade filosófica dispensa a “escada” na tentativa de atingir as “coisas do alto”, como o filósofo metafísico platônico, ou para alcançar “tesouros escondidos” nas profundezas da terra, como o filósofo metafísico aristotélico, na busca de abstrair “essências” da realidade. Nesse caso, o que importa para a filosofia, portanto, é uma visão sinótica e panorâmica do horizonte da linguagem, para que assim o filósofo possa melhor compreender e lidar com os problemas mais cruciais da existência humana, sobretudo, os problemas causados pelo progresso tecnológico de nosso tempo.

Notas

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Efetivo do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). E-mail: g5armendane@yahoo.com.br.

O interesse em investigar este tema surgiu por ocasião dos estudos da disciplina *Filosofia da Tecnologia*, ministrada pelo professor Alberto Cupani, na UFSC, durante o primeiro semestre de 2016, que resultou na produção desse artigo. O texto foi apresentado na comunicação do *I Encontro de Pesquisa em Filosofia do PPG Filosofia da UFSC*, entre os dias 23 a 25 de maio de 2016, e no *V Workshop Wittgenstein: Linguagem, Ética e Estética*, em Treze Tílias, SC, entre os dias 22 a 23 de julho de 2016.

² Doravante usaremos a sigla *CV* para se referir à *Cultura e Valor*. Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cultura e valor*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2000.

³ Doravante usaremos a sigla *IF* para se referir às *Investigações Filosóficas*. Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. Marco G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁴ SPENGLER, Oswald. *A Decadência do Ocidente* (Esboço de uma morfologia da história). Trad. Herbert Caro. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. Essa obra foi publicada em duas partes: no final da Primeira Guerra Mundial (1918); e revisada em 1922.

⁵ Em sua obra *O homem sem atributos*, o escritor alemão Robert Musil, define ironicamente a Dinastia dos Habsburgo, Império Kakanio, cuja iniciais em alemão K.K ou K e K, significa Império-Real ou Império e Real. Cf. JANIK, Allan; TOULMIN, Stephen. *La Viena de Wittgenstein*. Trad. Ignacio Gomez Liaño. Madrid/España. Editora Taurus, 1998. p.13. Para entender o contexto de sociocultural, sugiro a leitura de Marjorie Perloff, *A Escada de Wittgenstein – A Linguagem Poética e o Estranhamento do Cotidiano*. Cf. PERLOFF, M. *A Escada de Wittgenstein: a Linguagem Poética e o Estranhamento do Cotidiano*. Trad. Elizabeth Rocha Leite & Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: EDUSC, 2008.

⁶ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Luz e sombras: uma experiência (onírica) noturna e um fragmento de carta*. SOMAVILLA, Ilse (Ed.). Trad. Edgar da Rocha Marques. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 69-70.

⁷ Doravante usaremos a sigla *TLP* para se referir ao *Tractatus Logico-Philosophicus*. Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-philosophicus*. Introdução de Bertrand Russell. Trad. Luís Henrique dos Santos. São Paulo: Edusp, 1994.

Referências

- ALMEIDA, João José R. L. de. *A Singularidade das Investigações Filosóficas de Wittgenstein: Fisionomia do texto*. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2015.
- DEANGELIS, Willian James. *Ludwig Wittgenstein – A cultural Point of view: Philosophy in the Darkness of this time*. Burlington/USA: Ashgate Publishing Company, 2007.
- GLOCK, Hans J. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- HALLER, Rodolf. *Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões*. São Paulo: Edusp, 1990.
- JANIK, Allan; TOULMIN, Stephen. *La Viena de Wittgenstein*. Trad. Ignacio Gomez Liaño. Madrid/España. Editora Taurus, 1998.
- MONK, Ray. *Wittgenstein: o dever do gênio*. Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PERLOFF, M. *A Escada de Wittgenstein: a Linguagem Poética e o Estranhamento do Cotidiano*. Trad. Elizabeth Rocha Leite & Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: EDUSC, 2008.
- SPENGLER, Oswald. *A Decadência do Ocidente* (Esboço de uma morfologia da história). Trad. Herbert Caro.
- VOLPI, Franco. *O Nilismo*. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.
- WHITEHEAD, A. N. *A função da razão*. Trad. Fernando Dídimo Vieira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-philosophicus*. Introdução de Bertrand Russell. Trad. Luís Henrique dos Santos. São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. *Investigações Filosóficas*. Trad. Marco G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *Cultura e valor*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. *Luz e sombras: uma experiência (onírica) noturna e um fragmento de carta*. SOMAVILLA, Ilse (Ed.). Trad. Edgar da Rocha Marques. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Observações Filosóficas*. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005.